



No contexto dos atuais desequilíbrios entre oferta e demanda de produtos e insumos agropecuários, de alta de preços e de reconfiguração na geopolítica global, o primeiro debate do ciclo Agro Global de 2022, “Geopolítica e desafios do agro brasileiro em tempos turbulentos”, explorou os desafios e oportunidades para o Agro Brasileiro na Eurásia, bem como as estratégias para aprimorar a pauta exportadora do Brasil.

Autoria do relatório: Equipe de projetos do CEBRI

Painel I – Mercados e Geopolítica do Agro Brasileiro na Eurásia

Participantes: André Corrêa Do Lago, Larissa Wachholz e David Roquetti Filho

A eclosão do conflito na Ucrânia trouxe preocupações para questões de segurança alimentar global e de inflação, bem como questionamentos sobre a nova configuração geopolítica na Eurásia e os impactos dessa nova realidade na região.

Em primeiro lugar, a posição da **Índia** no conflito precisa ser analisada à luz do papel histórico da Rússia para a segurança nacional desse país. A economia indiana, que há seis anos era menor que a do Brasil, representa quase o dobro do PIB brasileiro. As proporções do país, que hoje é responsável por cerca de 2% das exportações brasileiras, terão um grande impacto no agronegócio brasileiro. A Índia não possui condições de produzir a quantidade e variedade suficiente de alimentos para o consumo de uma classe média crescente, e ainda não consegue conquistar investimentos internacionais na proporção necessária para manter suas metas de crescimento e de emprego.

As tensões regionais na Eurásia, principalmente com a China fazem com que o momento seja **favorável para uma aproximação bilateral e um acordo de livre-comércio** com o Brasil, uma vez que não há rivalidades geopolíticas entre as duas nações. Cada país tem capacidade de fornecer ao outro o que ele precisa. É necessário que o Brasil **entenda quais as demandas de importação formuladas pela Índia**, e ajuste a produção nacional para atendê-las.

A **China**, maior parceiro comercial de mais de 130 países e cuja economia é altamente internacionalizada, se encontra frente a riscos geopolíticos e econômicos diante da guerra. Portanto, sua posição tem sido pragmática e racional em relação às implicações do conflito. Os impactos para as relações Brasil-China no agro dependerão da duração da guerra e da aproximação entre China e Rússia, dado o grande potencial agrícola da Rússia, que pode se desenvolver em função das sanções. Isso porque, com as medidas impostas contra as principais exportações russas, entre elas o petróleo e o gás, o país pode precisar diversificar suas atividades e desenvolver a sua produção agrícola, para qual a China seria um mercado estratégico, tanto pela demanda por alimentos, quanto pela proximidade geográfica entre as duas nações.

Se por um lado há a possibilidade de uma diminuição das importações de certos produtos em caso de dificuldades econômicas, por outro lado **existem oportunidades de aumentar o volume, a diversidade e o valor agregado das exportações** brasileiras para a China, se o país atingir as suas metas de crescimento. A pauta de sustentabilidade também deve ser um dos pontos centrais na construção da relação com a China, dada a importância dos



compromissos ambientais na agenda chinesa. Esses compromissos devem ser considerados como uma oportunidade para construir um diálogo propositivo e positivo com o país.

É importante ressaltar também que **o Brasil tem se mostrado um parceiro confiável** em um contexto de aumento do protecionismo, cumprindo com seus contratos internacionais para o fornecimento de alimentos, e essa estabilidade é valorizada pela China.

No que diz respeito aos insumos, 85% dos **fertilizantes** usados no Brasil são importados, sendo 23% provenientes da Rússia e quase 64% da Eurásia. A dependência pela importação de fertilizantes vem aumentando desde a década de 1990. No momento atual, a oferta de insumos não cumpre com a demanda, o que resulta num aumento dos preços. No curto prazo a situação não é alarmante para o Brasil, dado que os estoques de passagem somados às importações realizadas são suficientes para as safras de 2022 e 2023. Existe a **possibilidade de escassez** caso a guerra se prolongue, que poderia ser suprida pela importação de fertilizantes de países como Canadá e Estados Unidos.

São necessários **investimentos em análise de solo**, para otimizar a quantidade de fertilizantes usados, possibilitando produzir mais com menos. Também é necessário pensar em formas de **amparar os pequenos e médios produtores** durante períodos de alta volatilidade nos preços dos produtos, por meio de linhas de crédito, de modo que consigam manter sua produção em períodos turbulentos.

Painel II – Desafios da Pauta Exportadora do Agro Brasileiro: Diversificação e Diferenciação

Participantes: Flávio Bettarello, Luiz Roberto Barcelos, Sueme Mori

A **adição de valor** aos produtos nacionais dá-se por meio da implementação de acordos comerciais que permitem negociar tarifas, e da diversificação dos produtos exportados. Para diversificar a sua pauta exportadora, o Brasil também precisa **buscar acesso a diferentes mercados**, priorizando as suas necessidades, e **incrementar as importações**, com o intuito de abrir espaço para a negociação de fretes internacionais e de estimular a importação de produtos brasileiros por países que vendem para o Brasil. Entre os cinco maiores exportadores mundiais, o Brasil é o único que não é um grande importador de alimentos. O setor privado pode desempenhar um papel de promoção de novos produtos. Em resumo, as três bases da diversificação e diferenciação são a **abertura de mercado priorizada, negociações tarifárias e a promoção comercial**.

Com relação à **fruticultura**, o Brasil é o terceiro maior produtor do mundo, atrás apenas da China e a Índia. No entanto, só exporta 2,5% das frutas que produz, equivalente a aproximadamente U\$ 1 bilhão, quando o mercado internacional representa U\$140 bilhões. Comparada a outros produtos como a soja (mais de U\$ 40 bilhões em exportações), **os números da fruticultura ainda são muito baixos**. Além da geração de valor o setor também possui um **papel social importante**, gerando 400 vezes mais empregos por hectare do que outras culturas, como a soja, inclusive nas regiões mais pobres do país.



O valor agregado da produção de frutas é relativamente alto, fazendo-se necessários **acordos de livre comércio** para aumentar a competitividade, a **promoção comercial** tanto governamental quanto do setor privado para a abertura de novos mercados, bem como a **diversificação da pauta** exportadora para além dos grãos e proteína animal. É preciso também investir em **análise de risco** para que as frutas brasileiras sejam melhores aceitas em países que possuem critérios sanitários mais rígidos. Um dos desafios futuros é a possível “desglobalização”, com esforços dos países para que se tornem menos dependentes uns dos outros e aumentem suas produções nacionais.

Em termos de **diversificação do mercado interno**, o fato do país possuir um grande mercado interno desestimula, de certa forma, a diversificação e diferenciação da pauta exportadora. Sendo a **base exportadora** de empresas brasileiras **bastante limitada**, o seu incremento será um processo de grande esforço no médio-longo prazo, com resultados vagarosos. O desenvolvimento do comércio exterior se dará por meio de **acordos de abertura comercial** e negociações tarifárias, e pela **promoção e diversificação interna de empresas** exportadoras. É preciso dar aos pequenos e médios produtores **condições de acessar e se manter** nos mercados externos. Por fim, o Brasil precisa esforçar-se para ser menos dependente da importação de fertilizantes e, dessa forma, criar um ecossistema que beneficiará o país, bem como seus aliados comerciais.

Conclusões

- O nível de risco da guerra na Ucrânia para o agro brasileiro ainda é limitado, mas dependerá das sanções e duração do conflito. O principal efeito é o aumento dos preços, sendo a Rússia e a Ucrânia grandes produtores de milho e trigo e a primeira de fertilizantes, dos quais o Brasil depende.
- O Brasil precisa ter uma atuação mais eficaz no comércio internacional, com foco na abertura comercial (que passa também pelo aumento das importações) e na aproximação bilateral com países estratégicos como a Índia.
- Existem oportunidades de aumentar o volume, a diversidade e o valor agregado das exportações brasileiras para a China, que tem valorizado a confiabilidade do fornecimento de produtos brasileiros, e que deve incrementar o seu consumo de produtos de maior valor nutricional. Para o sucesso de qualquer parceria na área agrícola com a China, é indispensável colocar a pauta ambiental em diálogo.
- Para diversificar e aumentar a sua pauta exportadora, que é muito reduzida apesar das capacidades de produção em áreas como fruticultura, o Brasil precisa negociar a abertura de novos mercados, priorizando mercados com maior impacto comercial, e investir na promoção comercial.
- A promoção da cultura exportadora e a diversificação interna das empresas exportadoras, bem como o apoio para a inserção internacional dos pequenos e médios produtores, também são medidas importantes para desenvolver o comércio exterior.